

REVITALIZAÇÃO DA ORLA DO RIO JAGUARÃO – RIO GRANDE DO SUL – BRASIL, NA PERSPECTIVA DOS BRASILEIROS/URUGUAIOS RESIDENTES E DOS VISITANTES

GABRIELA NEVES FRIZZO¹; ANDYARA LIMA BARBOSA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – gabriela.frizzo@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – andyaraviana@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a temática da revitalização como uma maneira de dar vida, reinterar e dar nova forma a um determinado local. O termo revitalização remete a um conjunto de medidas que visam criar nova vitalidade, dar novo grau de eficiência a alguma coisa, em suma: reabilitar (FERREIRA, 1999). A revitalização tratada neste trabalho tem como foco uma parte importante da cidade de Jaguarão: a orla do seu rio.

O trabalho pretende investigar o interesse das comunidades e dos visitantes pela revitalização da orla do Rio Jaguarão no lado brasileiro, nos municípios da fronteira do estado do Rio Grande do Sul com o Uruguai: Jaguarão e Rio Branco, tendo em vista que esta parte da orla brasileira está completamente abandonada em termos de estrutura e de imagem. Desta forma, este projeto de pesquisa pretende trazer a tona à relevância ou não deste local para a comunidade brasileira e uruguaia e, para o visitante que vai em busca de compras acessíveis nos *free shops* do município de Rio Branco, no Uruguai.

Os objetivos específicos do trabalho são conhecer o que os moradores das cidades fronteiriças e dos visitantes pensam em relação à orla do Rio Jaguarão; como enxergam o local, sua importância, se há reconhecimento do local como um patrimônio, além de se buscar a opinião sobre as vantagens da revitalização e se o local poderá tornar-se um atrativo turístico.

Segundo Funari e Pinsky (2005), o patrimônio individual depende de nós, que decidimos o que nos interessa, já o coletivo é sempre algo mais distante, pois é definido e determinado por outras pessoas. Com isso, a revitalização da orla do Rio Jaguarão, no município de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, leva em conta o abandono desta parte da cidade, onde se encontra o maior patrimônio material da cidade; patrimônio que encerra a história da formação do município.

Para tanto, é necessário que haja um interesse da gestão pública em tornar este espaço um atrativo turístico e um lugar de lazer para a comunidade brasileira e uruguaia. A cidade de Jaguarão por si poderia ser considerada uma cidade turística em função do seu patrimônio transformado em recurso à disposição da comunidade para o desenvolvimento, pois abrange uma média de 800 prédios catalogados entre os quais o Teatro Esperança, as Ruínas da Enfermaria Militar, o Mercado Público e a Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, já tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado

(IPHAE), na década de 90 e, em 2011, teve todo seu Centro Histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além do primeiro bem tombado de forma binacional, a Ponte Internacional Mauá.

Porém, o que acontece nesta fronteira atualmente é um turismo de massa que busca só as compras nos *free shops* e, quando o turista hospeda-se na cidade, não há informações nem interesse da mesma em despertar neste visitante um olhar voltado ao patrimônio, negando assim, a oportunidade para que o forasteiro desfrute de um maior conhecimento da cidade e de seus atrativos materiais e imateriais.

2. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como exploratório, com pesquisa de natureza quali-quantitativa, que foi realizada através de observação indireta alcançada através da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas para moradores brasileiros, uruguaios e visitantes.

As comunidades de jaguarenses e rio-branquenses foram estudadas por gênero e faixa etária, adaptadas das explicitações do IBGE (2010) e exigência do método de coleta de dados de forma a representar de forma segura as opiniões dos entrevistados com idades entre 15 e 80 anos, ou mais.

As entrevistas foram realizadas entre os dias de 12 de maio a 20 de junho do ano de 2014, nas cidades de Jaguarão e Rio Branco e com os visitantes dos *free shops*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da constatação de que a orla do Rio Jaguarão encontra-se abandonada em termos de estrutura e imagem, esta pesquisa pretendeu investigar o interesse da comunidade local e dos visitantes pela revitalização deste espaço. O resultado que se obteve através dos questionários aplicados com as populações locais e os visitantes, foi a de que a comunidade de Jaguarão, na maioria da amostragem, de ambos os gêneros e de diferentes faixas etárias, acreditam que o espaço da orla do Rio Jaguarão possui muita importância para a maioria, média importância e nenhuma para a minoria da amostragem. A maioria da amostragem feminina e masculina de Jaguarão utiliza deste espaço e acredita que a revitalização acontecendo, a cidade terá benefícios, tanto econômicos e sociais vinculados ao lazer, quanto àqueles que estão diretamente voltados ao desenvolvimento cultural da comunidade.

Porém, com a comunidade de Rio Branco tem-se um resultado diferente, a maioria da amostragem de ambos os gêneros, não vê a orla do Rio Jaguarão como importante em seu cotidiano, nem tampouco costumam utilizar deste espaço em seu lazer. A localização da orla está de costas para a cidade de Rio Branco, este pode ser um fator determinante e que justifica a maioria da amostragem não utilizar deste espaço. Mas ainda assim, a maioria (e em algumas faixas etárias unânimes) da amostragem acredita que a revitalização acontecendo, este espaço trará benefícios para esta fronteira como um todo.

Com relação à questão do patrimônio, ficou claramente constatado o que o morador sente a respeito dele e o que o visitante intui e sente quando está diante de um patrimônio, mesmo que muitas vezes, não o usufrua em termos de visitação, informações ou contemplação: o patrimônio é importante;

mesmo para os uruguaiois que estão, por assim dizer, ‘de costas para a orla’, cujo uso histórico foi mais intenso do lado definido como brasileiro.

Notou-se que todas as faixas etárias, a maioria da amostra da pesquisa, veem a orla como um patrimônio da comunidade de Jaguarão e de Rio Branco, bem como também acreditam que a revitalização favorecerá esta parte da cidade que se encontra abandonada. Entretanto, para uma minoria da amostra e analisando-se as diferentes idades, a orla já é vista como um lugar turístico e que não precisa ser revitalizada.

Constatou-se que a orla tem uma função social como espaço de lazer e socialização, tanto para a comunidade de Jaguarão, quanto para a de Rio Branco e, somente por esta constatação, a gestão do patrimônio – incluindo-se as ações de revitalização, se impõem, justificando-se igualmente, como forma de atenção aos turistas, para quem o conjunto da orla não passa despercebido.

Neste sentido, a gestão do patrimônio se faz imprescindível, pois o turista percebe e intui a importância deste legado, mas certamente, não o desfruta por falta de ter opções de como usufruí-lo. Esta constatação pode gerar situações consideradas negativas ou positivas experimentadas durante a pequena passagem dos visitantes e podem acabar formando uma imagem não “acolhedora” do local, como já mencionado no acervo teórico desta pesquisa, até porque, a maioria dos visitantes de ambos os gêneros conhecem a orla do Rio Jaguarão, bem como o patrimônio cultural da cidade, veem a ponte como um atrativo turístico e acreditam que a orla poderá se tornar um atrativo turístico.

Diante da proposta de envolvimento da comunidade, é *necessário considerar que a tomada de consciência diante dos projetos turísticos precisa estar referenciada por modelos relacionados às experiências de um mundo vivido*, segundo Xavier (2007). Por isso, a importância da interação da comunidade local desde logo na atividade turística e, principalmente, buscando a relação entre o seu patrimônio e o turismo, o que vai despertar, no caso da orla do Rio Jaguarão, ainda mais, o olhar sobre aquilo que está à volta, sobre onde se está inserido.

Por outro lado, fazer com que o turista se volte, não somente para este patrimônio constituído pela orla e seu entorno, mas para os demais capazes de motivá-lo, poderá qualificar a viagem para a fronteira Jaguarão-Rio Branco. Poderá igualmente, aumentar a permanência e promover o retorno dos visitantes a este território e, desta forma, se trabalhará o desenvolvimento do turismo sob a perspectiva do local. *Isto contribuirá não só para a criação da imagem da cidade e sua atratividade turística, como também influenciará na relação entre moradores e os lugares históricos* (ZORZI, 2012).

De forma complementar, se estará erguendo um contraponto ao turismo de compras em *free shops* que, não necessariamente, deixa a maioria de seus benefícios no território onde se instala e, acaba indo abundá-los em esferas tradicionais de acumulação do capital.

Embora o interesse maior dos visitantes resida nos *free shops*, a sua percepção em relação ao patrimônio nos sinalizam com possibilidades

concretas para o desenvolvimento do turismo com base no local, pois a possibilidade de estar em uma cidade fronteiriça com arquitetura preservada, com bens considerados símbolos, como a Ponte, a Enfermaria e o Teatro, entre outros, torna Jaguarão um caso original para que se repense o turismo que está acontecendo e o que poderá acontecer.

4. CONCLUSÕES

Assim sendo, esta pesquisa deixou claro que a relação de pertencimento em torno da orla do Rio Jaguarão é inerente à comunidade desta fronteira, provavelmente em função de fatos que remontam o passado e, sobretudo, pelo fato da orla do Rio Jaguarão, no lado brasileiro, estar dividindo espaço com a Ponte Internacional Mauá, que é um patrimônio binacional de extrema importância para os dois municípios. Além disso, esta constatação evidencia, através das palavras de Castrogionanni (2003), *que a paisagem cultural envolve os elementos físicos ou naturais, suas interações, assim como todas as intervenções e articulações provocadas pela ação humana, onde também tomam parte os elementos históricos e culturais.*

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **A Fronteira e seus Silêncios**. In: VI Seminário de Turismo de Fronteira – FRONTUR. Anais. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria: 2009. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. Versão 3.0. Editora Nova Fronteira, 1999. Verbetes “revitalização”.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2005, 4 ed.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades: Jaguarão**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=431100> Acesso em 09 de julho de 2014.

ZORZI, Mariciana. **De quem é a Cidade Heroica?** Trajetórias da Preservação do Patrimônio Cultural, Atratividade Turística e Participação Social em Jaguarão, Rio Grande do Sul (1982 - 2011). 2012. 196 f. Dissertação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.